

[dossier]



Moda e gênero: perspectivas históricas para interpelar o presente

Maria Claudia Bonadio¹

<https://orcid.org/0000-0001-9704-9780>

Valéria Faria dos Santos Tessari²

<https://orcid.org/0000-0002-7959-909X>

Carina Borges Rufino³

<https://orcid.org/0000-0001-5364-2734>

Refletir sobre identidades e relações sociais de gênero é uma ação que não se esgota, principalmente quando assumimos um viés histórico. Olhar para arranjos e práticas do passado que envolveram gênero nos ajuda a pensar de que maneira mentalidades e comportamentos são constituídos hoje, moldando e afetando nossas vidas em múltiplas dimensões.

A moda é objeto privilegiado para essas observações, pois está intimamente conectada aos corpos, às identidades e à mediação das relações sociais.

O tema moda e gênero tem constituído nossas trajetórias como pesquisadoras nas áreas da História, do Design e da Comunicação, a partir de diferentes vieses, sempre centrados na ideia de moda e gênero não como conceitos fixos, mas estruturados a partir de contextos diversos.

Isso nos leva a enfatizar construções sociais e culturais de e sobre moda e gênero, situadas em tempos e espaços, na busca por desnaturalizar concepções e práticas que estruturam indivíduos e sociedades.

Nessa trajetória temos tido a oportunidade não só de realizar pesquisas, mas também de conhecer pesquisadorias que com seu trabalho constroem este tema de estudos e ampliam sobremaneira objetos, universos e modos de investigação, criando uma pluralidade de que só é possível coletivamente.

O dossiê “Moda e gênero: uma perspectiva histórica” foi pensado para reunir e registrar na dObras[s] um panorama desses atuais estudos.

A proposta foi bem recebida pela comunidade de pesquisadorias, o que reafirma importância e a emergência do tema. A expressiva adesão ao dossiê criou a necessidade de dividir a publicação em duas edições: a dObras[s] 41, de agosto/2024 e a dObras[s] 42, de dezembro/2024.

¹ Doutora em História pela Unicamp e docente da Universidade Federal de Juiz de Fora. Autora dos livros *Moda e sociabilidade* (2007) e *Moda e publicidade* (2014) e editora-chefe da dObras[s] entre 2015 e 2024. E-mail: mariacbonadio@uol.com.br. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/3920027222039096>.

² Doutora em Design (UFPR). Editora da revista dObras[s]. E-mail: tessari.valeria@gmail.com. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/4229358939832461>.

³ Doutora em Comunicação e Práticas de Consumo pela Escola Superior de Propaganda e Marketing (ESPM-SP), E-mail: carinajornalismo@gmail.com. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/7490212787020296>

Nesta primeira etapa de publicação estão concentrados os artigos sobre “Conceitos e teorias”, “Binarismos de gênero: (des)construções” e “Vestires LGBTQIAPN+”.

Abarcados no tema “Conceitos e teorias”, os artigos “Notas sobre o *queer* e o *camp* na moda”, de Paulo de Oliveira Rodrigues Junior e “Os marcadores visuais de gênero: moda e subversão no espaço público”, de Roney Gusmão, abordam ambiguidades de sentidos dos termos moda, como dispositivo de reiteração de práticas hegemônicas e como estratégia de grupos contra-hegemônicos, e dos termos *queer* e *camp*, que ora apresentam em sua materialidade similaridades, mas também especificidades.

Dentre os primeiros artigos compreendidos no subtítulo “Binarismos de gênero: (des)construções” estão “Rendas e veludos: questões de gênero a partir do redingote de Eufrásia Teixeira Leite no final do século XIX”, de Flávio Oscar Nunes Bragança, “Os Pequenos Lordes: Uma análise da moda infantil masculina da primeira metade do século XX (1905-1958)”, de Isabela Brasil Magno e “Moda masculina e expressão de gênero e sexualidade: novas tendências em contraponto ao binarismo”, de Frederico Rafael Sousa e Luana Elayne Souza. Enquanto o primeiro analisa como o redingote foi transformado de peça do vestuário de montaria masculina em artefato do guarda-roupa feminino no final do século XIX, movendo-se entre os limites binários classificatórios de roupas masculinas ou femininas, o segundo investiga o costume de vestir meninos como “pequenos lordes” na primeira metade do século XX no Brasil, e reflete sobre as transformações dos valores que pautavam o vestir masculino infantil. Já o terceiro texto deste grupo busca compreender os usos da moda masculina para construção de identidades e manifestação da homossexualidade, tensionando binarismos de gênero.

No artigo “Moda unissex na Pop, primeira revista jovem do Brasil (anos 1970)”, um possível embaralhamento dos limites da moda binária é sinalizado por Maureen Schaefer França e Marinês Ribeiro dos Santos, que examinam os usos da peça supostamente unissex “jardineira” nas páginas da revista brasileira *Pop*, nos anos 1970. As autoras consideram que nas representações investigadas a moda proposta não era a mesma para corpos femininos e masculinos, uma vez que prescrevia modos específicos de uso.

Tensionando a moda por gênero, a moda agênero – agenciada por marcas de moda – é discutida nos textos de Carina Borges Rufino em “Nem azul nem rosa: estratégias discursivas no âmbito comunicacional do consumo de moda agênero” e também no texto de Iracema Tatiana Ribeiro Leite Justo, Hans da Nóbrega Waechter e Flávia Zimmerle da Nóbrega Costa em “Performatividade de gênero: o Instagram de marcas de moda como um lócus político?”. Ambos os artigos analisam as formas de apropriação da moda agênero em redes sociais de marcas de moda e consideram que os discursos abarcam frentes diversas, como atribuir ao vestir agênero o sentido de prática política, usar o discurso como estratégia orientadas ao mercado, explorar a relação da roupa com o corpo unindo as características visuais da roupa a uma narrativa corporal sem enfatizar gêneros.

Ainda tomando as redes sociais como fonte, o artigo “Corpo gordo, gênero e moda: uma análise dos corpos femininos e masculinos fora do padrão nas marcas de moda”, de Vírnia Maria Peixoto Martins e Fernanda Carrera, encerra esta temática, investigando representações dos corpos gordos em publicações de marcas de roupas *plus size*, atravessados pela binaridade de gênero. As autoras concluem que, ainda que se considere certa discussão

sobre gêneros, a maior parte das marcas analisadas continuam a reproduzir estereótipos de gênero e pouco exploram atravessamentos mais diversos.

A terceira seção do dossiê, “Vestires LGBTQIAPN+” traz os artigos “Quem Trouxe a Moda do Travesti para o Brasil”? teatros, hormônios e subjetividades (1950-1960)”, de Paulo Vitor Guedes de Souza e “Performando a norma: uma leitura antropológica das fantasias de Clóvis Bornay”, de Thiago Barcelos Soliva. Ambos abordam o universo da travestilidade desde os anos 1930 até 1970 no Brasil, a partir de duas personalidades: Ivaná e Clóvis Bornay. Analisando algumas das suas experiências pessoais e sociais, os autores apontam como os recursos materiais empregados nas performances somados às redes de amizade e de sociabilidades foram centrais para a constituição de subjetividades e negociação entre as normas sociais de gênero e sua transgressão.

Os universos trans e *drag* são o tema dos artigos “A passabilidade é um conforto cis-gênero: moda, proteção e invisibilidade trans no pensamento artístico de Maria Lucas e Renata Carvalho”, de Emerson Silva Meneses e Martin Jayo e “As Tramas ficcionais do corpo, gênero e moda: um olhar sobre a experiência *drag*”, de Rafaela Lins Sarinho Travassos e Carlos Eduardo Félix da Costa. Os textos examinam produções – na arte, nos corpos, na moda, nas subjetividades – de artistas travestis brasileiras e da produção de corporalidades *drag* que enfrentam fronteiras e causam borramentos de normas de gênero, na busca por possibilidades mais seguras de ser e estar no mundo.

Fechando a primeira parte do dossiê, estão os artigos “Fios que tecem a resistência – o fio a fio ancestral de Sonia Gomes”, de Lucia Aparecida Felisberto Santiago e “O rapaz na festa de candomblé e seu pano de cabeça: reflexões sobre homossexualidades (in)de-sejáveis”, de Diogo Coutinho Iendrick. Santiago apresenta um atlas formado por imagens de obras de artistas-ativistas têxteis – ainda associadas ao fazer doméstico – que se contrapõem às narrativas eurocêntricas, por meio de lutas públicas e políticas, como as feministas, antirracistas, anticapitalistas e anticoloniais. E Iendrick analisa normatividades de gênero por meio a atitude de um homem que (não) usa um pano de cabeça azul em uma festa de candomblé de um tradicional terreiro no Rio de Janeiro. O autor considera que, apesar do campo religioso afro-brasileiro não operar necessariamente sob as normas da moralidade cristã, está influenciado por ela e por formas de vestir historicamente estabelecidas como masculinas e femininas.

Este dossiê tem a alegria de contar com imagens produzidas e cedidas por Maia Maria, graduada em Moda pela Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF) e empreendedora. São três ensaios que compõem esta edição: “Meu universo T”, concebido para uma exposição que ficou em cartaz entre outubro de 2023 e julho de 2024 no saguão da reitoria da UFJF e inspirado em Elsa Schiaparelli como uma “celebração de identidade, criatividade e resistência da comunidade trans pelas lentes do surrealismo”; “O nascimento de Maia Maria”, no qual a transição para o novo, marca o renascimento da autora e “Eterno Brillhante”, inspirado na artista Elis Regina.

O fragmento seguinte foi escrito por Maia Maria sobre um dos ensaios, no entanto acreditamos que seus sentidos permeiam toda a produção da autora:

Cada imagem tem o objetivo de destacar como a moda tem sido uma ferramenta de expressão para pessoas trans ao longo da história. Assim, “Meu Universo T” convida à reflexão sobre a beleza da diversidade de gênero e a importância da expressão artística na busca da autenticidade, celebrando a capacidade da arte de quebrar barreiras e inspirar mudanças sociais. A ideia é revelar que a verdadeira beleza reside na aceitação e na celebração de quem se é (Maia Maria).

Os ensaios completos podem ser conferidos na seção Galeria, acompanhados de fichas técnicas com os devidos créditos.

Só resta agradecer à todas as pessoas envolvidas na produção desta edição: autoras que atenderam à chamada para publicação, pareceristas – sempre colaboradoras voluntárias – que dispenderam do seu tempo para as avaliações dos artigos, revisoras, à Maia Maria que cedeu as fotografias e à equipe editorial da dObras que coordena todas e faz a revista acontecer.

Leitoras, leitores e leitoras, sejam muito bem-vindes à leitura dos artigos aqui publicados. Esperamos, sinceramente, que este dossiê contribua com a construção de um mundo onde caibam todas.